

N: 02

Lux Frágil

Mensal
Gratuito

Novembro 2008

LUX^{FRÁGIL}

a nossa vida é toda para diante.

o regresso de ulisses

Mário Cesariny, Lisboa 9 Agosto 1923 – 26 Novembro 2006

O HOMEM É UMA MULHER QUE EM VEZ DE TER UMA CONA TEM UMA PIÇA, O QUE EM NADA PREJUDICA O NORMAL ANDAMENTO DAS COISAS E ACRESCENTA UM TIC DELICIOSO À DIVERSIDADE DA ESPÉCIE. MAS O HOMEM É UMA MULHER QUE NUNCA SE COMPORTOU COMO MULHER, E QUIZ DIFERENCIAR-SE, FAZER CHIC, NÃO CONSEGUINDO COM ISSO SENÃO PRODUZIR MONSTRUOSIDADES COMO ESTA FAMOSA “CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL” SOB A QUAL SUFOCAMOS MAS QUE, FELIZMENTE, VAI DESAPARECER EM BREVE.

PELO CONTRÁRIO, A MULHER, QUE É UM HOMEM, SOUBE SEMPRE GUARDAR AS DISTÂNCIAS E NUNCA PRETENDEU SUBSTITUIR-SE À VIDA SISTEMATIZANDO PUERILIDADES COMO FILOSOFIA, AVIAÇÃO, CIÊNCIA, MÚSICA (SINFÓNICA), GUERRAS, ETC. ALGUNS PEDANTES QUE SE TOMAM POR LIBERTADORES DIZEM-NA “ES CRAVA DO HOMEM” E ELA RI ÀS ESCÂNCARAS, COM A SUA CONA, QUE É UM HOMEM.

DESDE O ÍNICIO DOS TEMPOS, ANTES DA ROBOTSTÓNICA GREGA, OS ÚNICOS HOMENS-HOMENS QUE APARECERAM FORAM OS HOMENS-MEDICINA, OS HOMENS-XAMÃS (HOMOSSEXUAIS ARQUIMULHERES). ÊSSES E AS AMAZONAS (SUPER-MULHERES-HOMENS). MAS UNS E OUTRAS ERAM DEMAIS DEMAIS. E DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS QUE PENÉLOPE ESPERA O REGRESSO DE ULISSES. MAS O REGRESSO DE ULISSES É O HOMEM QUE É UMA MULHER E A MULHER QUE É UMA MULHER QUE É UM HOMEM.

Pena Capital, 1957
(Assírio & Alvim, 1982)Somos cavaleiros,
cavaleiros nocturnos.Tiago Manóla
– pág. 02 –

Quimpostor

Quim Albergaria
– pág. 03 –

A grande cabidela

Joaquim António Rocha
– pág. 04 –

De Xangai com amor

– pág. 05 –

Filologia Livre da Pop do
meu poluído imagináriosr. peppas
– pág. 06 –As mamas
de BettyJoão Paulo Cotrim
– pág. 07 –

A arte da fuga

Susana Pomba
– pág. 07 –The Connector &
O MonstroHugo Gonçalves
– pág. 08 –Amor,
O TerrívelCatarina Portas
– pág. 09 –

O Outro

Maria Antónia Oliveira & António Nêu
– pág. 10 –

Oráculo 11/08

Anamar
– pág. 11 –Vá por onde for
mais rápidoAna Garcia Martins
– pág. 12 –

LUX

10x10=10

23h00

James Holden

Quinta 06

Boys Noize

Quinta 13

2manydjs

Quinta 20

WWW.10X10.LUXFRAGIL.COM

AO VIVO

22h30

Ladytron

Terça 04

Cut Copy

Quinta 13

Somos cavaleiros, cavaleiros nocturnos.

Tiago Manaia

Percebi há pouco tempo, que as pessoas que situam a vontade de viver durante a noite, são consideradas “espécie” pela parte de população que se decidiu por um quotidiano diurno. Estou a falar de moral, não me refiro à disciplina. Porque conheço dezenas de pessoas da noite disciplinadas. Que decidiram mesmo presentear o dia-a-dia, com alvoradas constantes, ultrapassando o obstáculo que podem ser noites passadas em claro. Vindo assim do escuro, para enfrentar a luz da realidade. Nem que seja somente por uns dias, para mais tarde serem levados novamente para a calma da escuridão.

Existem mesmo seres nocturnos que se adaptaram eternamente às regras do dia. Aos horários impostos. Eles, aceitam a moral daqueles que pensam que a noite não traz nada de útil e convivem com ela. Mas libertam-se quando conseguem. Sabem da magia que o outro lado do dia esconde. Em bancos, consultórios médicos, parlamentos ou teatros de vida inventada. Estamos constantemente rodeados de pessoas da noite que vivem também de dia. E acredito eu, não haver distinção possível – acredito na mistura dos dois. Ou acredito que todos, todos nós tenhamos conhecido pelo menos uma vez o sabor de noites passadas em claro. A reconstruir o mundo, a esquecer mágoas na pista de dança. A procurar soluções no brilho das luzes que se acendem no escuro. Para que não se falhe nesta e na próxima vida.

Fui surpreendido quando há pouco tempo, fui tratado de “homem da noite”, por uma senhora que aparenta ter a sua moral bem arrumada. Dentro da cabeça e nos sentimentos que se exprimem através do seu corpo. Percebi que para ela, um tipo como eu era uma “espécie”. E ser

“espécie” não é obrigatoriamente mau, mas deixou-me a pensar. Eu que nunca lhe tinha falado dos poetas magníficos, com quem me cruzei nas minhas batalhas contra o sono. Nem de festas inesquecíveis, dos testemunhos sinceros que nelas encontrei. Se calhar devia tê-lo feito. Como um cartão de visita.

Como podia então surgir na sua cabeça uma expressão que fazia de mim um “homem da noite”?

Na minha aparência diurna, nunca deixei traços de tudo aquilo que já vivi na escuridão. Digo mesmo que as t-shirts com os desenhos mais extraordinários servem o dia, conseguem passar despercebidas nesta uniformização geral do estilo.

À noite olha-se realmente para quem está ao nosso lado, o medo pode rapidamente transformar-se em desejo. E nesta noite em que muitos encontram loucura outros cultivam calma.

A senhora atentava então à minha moral, ao tratar-me de “homem da noite”.

Insinuava vício e sexualidade duvidosa. Uma evidência que, a seus olhos, me impossibilitaria de equilíbrio. O “homem da noite”, na sua boca, queria dizer isto. E nada parecido com as melhores festas do mundo, a música que nos cola à pele, a beleza de um sorriso provocado pelo abandono.

Estava a ouvir aquilo de uma pessoa igual a tantas outras e a expressão ficou comigo. Certamente por encontrar nela, aquilo que considero ser uma moral tipicamente portuguesa. Esta moral que supostamente nos mete todos ao lado uns dos outros, mas lá no fundo pensa sobretudo em compartimentar a diferença.

“O homem da noite” intrigou-me. Decido procurar respostas à minha volta, desafio amigos e conhecidos. Bancários, artistas, advogados, jornalistas, críticos de teatro e dança, corretores de bolsa, fotógrafos, estudantes. Peço que me indiquem as diferenças mais significativas, entre as pessoas do dia e da noite. E quase todos se focam na noite. Lembram-se de pequenos detalhes, são cómicos, divagam.

Esquecem-se de falar do dia normal e, focam-se no fascínio que a noite exerce sobre eles. Ninguém me disse “odeio a noite”. Mas também ninguém me disse “gosto do dia”.

A noite para todos eles, sugere um sí-

tio onde respiram mais, onde respiram profundamente, mesmo quando não dormem. Onde estão longe da moral comum.

Os que se lembram de detalhes cómicos, falam-me de beleza e da qualidade da pele que muda. Dizem-me que à noite, os erros de sintaxe nas frases pronunciadas perdem a importância. À noite diz-se sempre “bom dia!” E fala-se mais alto. Uns dizem que falam mesmo de tudo. Outros juram ter de esperar por um pequeno-almoço que se repete para revelar algo de especial. Os mais sérios lembram-se de deuses. Tratando assim a questão de forma filosófica. Apolo é o dia, é a civilidade e sobriedade. Dionísio é culpado dos impulsos que se apoderam de nós no escuro.

Dizem-me também que, “à noite se olha sempre duas vezes para a mesma pessoa”. A noite olha-se realmente para quem está ao nosso lado, o medo pode rapidamente transformar-se em desejo. E nesta noite em que muitos encontram loucura outros cultivam calma.

Houve um só amigo que me falou no lusco-fusco, diz que nele encontra a razão. É a única luz que o deixa fazer compromissos com as duas realidades.

Sobre as pessoas do dia, guardo esta frase... “É como se fugissem sempre do escuro”. Mas afinal, de que fogem?

Sou um “homem da noite”, aceito o elogio.

Penso qual terá sido o momento em que me tornei desta “espécie”. Dou voltas à cabeça, encontro dentro dela uma história esquecida. A noite em que em miúdo dormi perto da árvore de Natal em minha casa. Tinha estudado possibilidades de fuga, espreitado telhados, medido o tamanho das janelas. Queria experimentar uma dessas discotecas de que se falava. Sabia onde era o Bairro Alto e, sabia que não podia arriscar um salto. Seria fatalmente apanhado. Vesti-me então, agarrei num copo de qualquer coisa. E fiquei a imaginar as luzes da noite até adormecer. Foi perto desse pinheiro, que assinei o meu primeiro pacto com o diabo.

Leonardo de Almeida Gonçalves Siopa

Quinta 06

Quimpostor

Quim Albergaria

Vou-vos dizer a verdade: eu minto.

Vocês não têm culpa nenhuma, eu é que não quero gastar dinheiro em terapia. Estou com uma pequena crise de identidade, e resolvi trazê-las – a crise e a identidade – para a praça pública. Isto ajuda-me. Se vos ajudar a vocês, nem que seja a passar o tempo, melhor ainda.

Para deixar o meu coração ocupar o meu corpo todo, tenho de mudar, muitas vezes, harmónica, dissonante, violenta e gentilmente.

Quero ser como o Nelson Ned, o pequeno gigante da canção brasileira, o anão romântico, aquele que tem o coração do tamanho do corpo. Quero mesmo que o meu coração ocupe o meu corpo todo. Quero isso mas não quero aquilo da honestidade. Para deixar o meu coração ocupar o meu corpo todo, tenho de mudar, muitas vezes, harmónica, dissonante, violenta e gentilmente.

Para mudar, preciso de acreditar numa nova verdade para mim, em mim. O que quer dizer que a minha anterior verdade de deixa de o ser. Mas foi sempre assim, crescer tem sido deixar para trás um rasto de mentiras com que me dei bem. Ser honesto é não ter problemas em aceitar que a verdade é descartável. A verdade é hipócrita.

Durante duas semanas fui da JCP, até perceber que a boininha à revolucionário e as jornadas de trabalho não iam bem com o meu formato de cara e que aqueles jovens eram os jovens mais velhos que eu já tinha visto. Hey, não me levem a mal, adoro a teoria e as barbas, só não aprecio as soluções e a organização da coisa, é só isso. Depois fiz uma t-shirt com um A de anarquia com lixívia, e achei que podia ser mais fixe se fosse ainda mais radical nas

soluções em que acreditava. Grande parte de ser anarquista é procurar confrontos teóricos, para consequentemente te sentires melhor com o facto de nunca ires ver as tuas ideias implementadas. Não consegui aprender a andar de skate e tive um namoro breve com patins em linha. Tentei bodyboard, bmx, extreme frisbee, freestyle yoga, street ping-pong e agressiva origami. Percebi então que estava a fazer escolhas, a ab-

solver identidades simplesmente pelo look and feel, pelo impacto que tinham na organização social do pátio da escola. Educar-me seria o melhor, mas dava imenso trabalho, por isso dei em punk rocker. Aprendi mais com discos e conversas em concertos, do que em qualquer sala de aula.

Cronologicamente devemos andar por volta de 95, e eu começava finalmente a perceber o jogo das identidades, a necessidade de pares e de como isso tudo é violento e impositivo. Esta angústia adolescente fica tão desnecessariamente para toda a vida. Patético. Basta pensar naquele dia em que decidimos, por uma vez que

Coerência é para meninos! Crescer não tem nada a ver com levars-te a sério.

fosse, estarmo-nos a cagar para os olhos dos outros. O que é que aconteceu? Sentiste-te bem contigo próprio, justificado e até poderoso. Nos outros o impacto que teve, passou por várias fases ou teve várias reacções: Confusão, Incompreensão, Medo ou uma Atração Desmedida, Admiração ou a

frase que qualquer um de nós ainda quer ouvir – “Olha aí, o puto é fixe.”

Coerência é para meninos! Crescer não tem nada a ver com levars-te a sério. Essa ideia de amadurecer como um caminho para a dignidade através do controlo, decoro e sobriedade, é uma mentira horrível. Levars-te a sério é um disparate. Na verdade, o disparate é que devia ser levado a sério. Quem não acredita no disparate é separatista. Quem acredita no poder do disparate de unir coisas entre si distantes, é disparate. O disparate, esse erro feliz, é como um amor surpresa: dois conceitos diferentes, dispares, unem-se inesperadamente criando algo novo, que faz sentir em tudo à sua volta uma confusão de emoções, e acima de tudo, exaltação. E é assim que quero amadurecer, constantemente à procura da exaltação. E-XALTA-ÇÃO! E-XALTA-ÇÃO! ALLEZ! ALLEZ! E-XALTA-ÇÃO! E-XALTA-ÇÃO! ALLEZ! ALLEZ!

Eu digo estas coisas porque preciso de as ouvir, de as ver fora de mim para depois serem mais minhas. São verdades necessárias para a minha mentira. São certezas a gritar com medo de serem dúvidas. Qualquer proselitismo é secretamente um exorcismo da dúvida do que se está a pregar. A fé e a dúvida ajudam-se. Eu digo que acredito, não só porque acredito, mas porque quero e preciso de continuar a acreditar. A fome e a vontade de comer.

Por falar em apetites, a última mentira que me espetei sentia-a no corpo, mesmo Big Time. Enganei-me ao achar que conseguia ir trabalhar depois de sair às 10 da manhã do aniversário do LUX. Acho que senti outra vez o que é estar bem e confortável lá dentro, no escuro, e depois, por obrigação, ter de sair de um útero mesmo impecável, e levar um chapadão de luz e cair-me uma bigorna de responsabilidade em cima. Isto tudo ainda entre as pernas

da senhora. Soube tão bem entrar e cá fora senti-me tão estúpido.

A mentira mesmo feita, foi chegar às 16 e qualquer coisa à firma, ser recebido com um cardume de risos mordidos e olhos a dizer “olha-me como tu vens?!” e ainda tentar fingir que trabalhava. Tudo às voltas entre a minha nuca e os meus olhos e ensanduichado entre as minhas orelhas. Tudo a doer-me com a luz branca do monitor, o efeito residual dos cigarros, do whisky, das drogas e do desfile de pernas e mamas lindas que ainda se faziam sentir da noite anterior.

O bom precisa do mau para ser bom, e a verdade só é verdadeira se o que se lhe opõe for mentira. É o Tao da identidade e o tao tao do hedonismo. Isto de constantemente estar satisfeito com o que és e o queres fazer é uma canseira dos diabos, essencialmente porque é uma tarefa interminável. E sem vos querer chupar mais energia ou gastar mais do vosso tempo precioso, deixo uma pergunta que é também um convite - Se estamos todos cansados, podemos ao menos descansar juntos?

Quem és tu? Quem gostavas de ser?

Sonha, inventa-te, veste-te de imaginação.

Investe num detalhe.

Todas as vontades são válidas.

Troca de perfume, de pele, de cor de cabelo ou de sexo.

Inventa um personagem.

Foge do mundo.

Queremos convidar-te para uma festa!

Esquece a actualidade.

A nossa música celebra impulsos intemporais.

Temos DJs capazes de beber o teu ritmo.

Descem da cabine para te ler o pensamento.

A surpresa nasce do teu desejo de invenção.

A música vai transformar-te em euforia e desenhá-te a partir da tua energia.

Até que as pernas te doam.

Que fantasia vestirias para este momento?

Quem gostavas de ser?

Pedimos a um mestre de-cerimónias para ler os teus pensamentos.

Ele vai exigir uma transformação.

Transforma-te.

Lux
Sexta 14 - 23h00
Sexta 28 - 23h00

Pinkboy & Pan Sorbe

Sexta 07

Leonardo de Almeida

Terça 04

Ladytron ao vivo

Terça 04

Leonardo de Almeida Gonçalves Siopa

Quinta 06

James Holden dexter

Quinta 06

Holden dixit

O DJ inclassicável, em discurso directo, a pretexto do regresso à pista de Sta. Apolónia.

“Noutro dia, ao regressar de um casamento descobri e visitei mais um *Museum de Música Mecânica* (www.mechanicalmusic.co.uk). É um sentimento estranho ver um piano tocar-se a si mesmo, sobretudo se no fim tiveres de combater um impulso qualquer para bater palmas. Não acontece muitas vezes com leitores de CDs.

Perdoo-vos antecipadamente se perguntarem porque é que estou a divagar sobre pianistas robots, em vez de escrever novos hinos rave. A resposta é: estou entediado com música de computador. Hipocrisia irónica, uma vez que só consegui começar a minha carreira graças a pc's baratos e software gratuito. Mas quando uma coisa se torna muito comum perde valor e, actualmente, o som dos plugins e dos presets faz-me ranger os dentes – há uma espécie de cinismo frio num momento emocional construído com um ramo. (...)

Noutro dia falei com o Kieran sobre o problema de fazer com que as pessoas dançam com *listening music* e que ouçam *dancing music* e que façam ambas as coisas com a música que está no meio. Sempre me chateou o modo como as pessoas ficam paradas, a olhar, estáticas, para concerto do Hebden/Reid quando, na minha opinião deviam estar a dançar como *acid-addled loons in a 70's psyche-sploitation movie*. Qual é o problema? Dançar não significa que se preste menos atenção, quando muito é um suave exercício de auto-hipnose. Até Bach escreveu música de dança, mas isso foi esquecido na batalha entre *geeks* e *meatheads* das saídas à noite.(...)

Espero que a minha/nossa não seja música de um género – não há muitos clichés e não tenta encaixar ou agradar a qualquer um. (...)

Costumam descrever a minha música como *trippy* e muita da música que eu gosto é assim. Mas não usaria a *T word* porque não estou certo que esteja assim tão fortemente ligada a drogas. Muitas pessoas que usam drogas gostam da música mais banal e mediocre possível e conheço outras, totalmente abstémicas capazes de fazer coisas que, de tão loucas, parecem passíveis de derreter o cérebro. (...)

A editora (Border Community) é uma pequena comunidade. Algumas pessoas não fazem música, fazem arte ou apenas gostam de escrever histórias, ou gostam de conversar, de enrolar charros ou qualquer outra coisa. É uma comunidade à margem das coisas, como nas fronteiras. (...)

Nunca ambicionámos ser uma editora grande. Só queríamos fazer a nossa "coisa" e não creio que ambicionar um resultado seja o melhor modo de atingir o que quer que seja. Ninguém nos pode realmente criticar por nada, na medida em que isto é apenas aquilo em que acreditamos. E o que mais podes desejar se não fazer aquilo que gostas?"

jamesholden.org

A grande cabidela

Entrevistas Impossíveis de Joaquim António Rocha

Eram cinco da manhã e o meu telemóvel tocava insistentemente. Levantei-me, estremunhado, e apressei-me a atender a chamada. Do outro lado, alguém gritava:

– Mataram a galinha dos ovos de

ouro! Mataram a galinha dos ovos de ouro! Mataram a galinha dos ovos de ouro!

Repetiram assim mesmo – três vezes. Eu, aturdido, dei dois passos atrás e sentei-me na beira da cama. Numa espécie de experiência do eterno retorno, acabava de confirmar a estranha tendência da humanidade para repetir a sua história no que ela tem de pior: acabar com a galinha dos ovos de ouro.

– Mas como? – perguntei eu ainda in-

por todo o lado. Assistimos hoje a várias tragédias humanas, mas os meus ouvidos eram demasiado frágeis para ouvir tamanha atrocidade. Eu estava destroçado.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde; mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

É quase Verão

Susana Pomba

Vamos fazer um “shortcut” e saltar a parte do Inverno. Os Cut Copy vêm ao Lux.

Numa manhã de Sábado, estamos nós a regressar depois de uma óptima sexta-feira à noite e já os australianos estão a pensar em sair outra vez de casa para dançar. Estamos nós rabugentos, a habituarmonos à chuva outra vez, estão eles, sem pensar duas vezes, a largar casacos em casa. Os australianos, por fuso horário e assim em traços largos, estão mais avançados que nós. É o que parece, assim em tom de piada fácil entre hemisférios, daqui de cima.

O “buzz” desta nova onda australiana do que se pode chamar de pop dance (ou indie dance ou seja o que for) começou há alguns anos, mas este Verão teve um álbum e um grupo de nome fácil que liderou as atenções. Um nome que utiliza as palavras “cut” e “copy” é hoje, mais ou menos, o que um nome como “ABC” era nos anos oitenta. São estas as primeiras “letras” do alfabeto de quem aprendeu primeiro a clicar num rato.

por todo o lado. Assistimos hoje a várias tragédias humanas, mas os meus ouvidos eram demasiado frágeis para ouvir tamanha atrocidade. Eu estava destroçado.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

– Mas quem é você? – perguntei intrigado.

– Não lhe posso dizer. Pediram-me só para o avisar que o arroz de cabidela à *La Subprime* irá ser servido ao fim da tarde;

mais ou menos por volta das seis.

De Xangai com amor

de embarque. **O teu hobby preferido quando estás na sala de embarque?**

É mesmo ir para o VIP lounge...

Qual foi a última coisa que compraste no duty-free shop?

Um bálsamo de tigre para o meu pescoço tenso.

Que cidade mais gostas de ver durante a aterragem?

São Paulo.

Quando foi a última vez, em que pensaste: “Sou feliz”?

Há dois dias atrás, conheci o André 3000 (vocalista dos Outkast)

E a última vez que tiveste saudades de casa?

Agora, estou em Xangai.

Nadine Bleses

Em que consiste o teu trabalho na Boys Noize Records?

Faço massagens de costas, massagens de pescoço e massagem de cabeça

Com quantas malas é que o Alex viaja realmente?

Uma.

Quem é que gasta mais dinheiro no mini-bar?

Sou eu, é óbvio.

Quais são as vantagens de trabalhares com o teu namorado?

Não existem formalidades – em todos os sentidos ;)

Que música gostarias de ouvir um dia tocar num corredor de aeroporto?

A canção da Mina, “E se domani”.

Vejam o vídeo (youtube.com/watch?v=tWJTVeT_5h4)

Quando o Alex está no estrangeiro, manda-te mensagens?

De hora a hora ;)

Tu que és a rapariga que trata de negócios... diz-nos, se tivesses uma loja num duty-free... o que vendias?

Erva.

Tens alguma superstição antes da descolagem do avião?

Beijo a minha mãe, o meu pai e o meu irmão mentalmente.

A última vez que tiveste saudades de casa?

Agora ;)

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Zé Pedro Moura & João Peste

Sábado 08

Yen Sung

Sábado 08

Cut Copy

Quinta 13

Troi2000 & Chinatown Sound System

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

De Xangai com amor

de embarque. **O teu hobby preferido quando estás na sala de embarque?**

É mesmo ir para o VIP lounge...

Qual foi a última coisa que compraste no duty-free shop?

Um bálsamo de tigre para o meu pescoço tenso.

Que cidade mais gostas de ver durante a aterragem?

São Paulo.

Quando foi a última vez, em que pensaste: “Sou feliz”?

Há dois dias atrás, conheci o André 3000 (vocalista dos Outkast)

E a última vez que tiveste saudades de casa?

Agora, estou em Xangai.

Nadine Bleses

Em que consiste o teu trabalho na Boys Noize Records?

Faço massagens de costas, massagens de pescoço e massagem de cabeça

Com quantas malas é que o Alex viaja realmente?

Uma.

Quem é que gasta mais dinheiro no mini-bar?

Sou eu, é óbvio.

Quais são as vantagens de trabalhares com o teu namorado?

Não existem formalidades – em todos os sentidos ;)

Que música gostarias de ouvir um dia tocar num corredor de aeroporto?

A canção da Mina, “E se domani”.

Vejam o vídeo (youtube.com/watch?v=tWJTVeT_5h4)

Quando o Alex está no estrangeiro, manda-te mensagens?

De hora a hora ;)

Tu que és a rapariga que trata de negócios... diz-nos, se tivesses uma loja num duty-free... o que vendias?

Erva.

Tens alguma superstição antes da descolagem do avião?

Beijo a minha mãe, o meu pai e o meu irmão mentalmente.

A última vez que tiveste saudades de casa?

Agora ;)

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

Quinta 13

Boys Noize

Quinta 13

Xinobi Cpt Luvlace

De Xangai com amor

de embarque. **O teu hobby preferido quando estás na sala de embarque?**

É mesmo ir para o VIP lounge...

Qual foi a última coisa que compraste no duty-free shop?

Um bálsamo de tigre para o meu pescoço tenso.

Que cidade mais gostas de ver durante a aterragem?

São Paulo.

Quando foi a última vez, em que pensaste: “Sou feliz”?

Há dois dias atrás, conheci o André 3000 (vocalista dos Outkast)

E a última vez que tiveste saudades de casa?

Agora, estou em Xangai.

Nadine Bleses

MD5

Miss Dove dá-nos cinco daquelas para deixar o indicador dorido de tanto clicar, apontar ou passar páginas.

Ana Jotta - Braço de Ferro
Por ocasião da exposição “S/HE IS HER/E” de Ana Jotta (na Chiado 8 Arte Contemporânea até 14 de Novembro) e com o apoio da Culturgest, a pequena editora de Isabel Carvalho e Pedro Nora lançou uma espécie de “revista Jotta”, com todas as telas de projecção (daquelas antigas, com tripés onde costumávamos ver slides) pintadas pela artista. Alerta - não é um catálogo mas sim uma edição especial. E custa apenas 3 euros. É agarrar uma (porque há poucas) no Chiado.
beditora.net

Neonized
Um blog-zine espanhol de divulgação musical que é uma maneira boa de dizer um site com informação diária onde podemos descarregar mp3 direitinhos para o desktop. Só como exemplo – um dos posts recentes (à hora de fecho) era o novo Tellier, “Roche”, álbum de misturas. A “borla” era a remix do Boys Noize para “L’Amour et la Violence”. Com sorte daqui a pouco está lá a remix do nosso Moulinex para “Kilometer”, que vai integrar o mesmo álbum.
neonized.net

Graham Samuels
Este ilustrador sueco é mais conhecido pela sua colaboração com a banda Peter Bjorn and John. Fez as capas dos seus discos e vídeos, como o da canção do assobio (“Young Folks”) que ouvimos incessantemente há uns Verões atrás. Mas também colabora com publicações (MixMag, Time Out, Stick) e faz filmes de animação para o programa “Arty” do canal de televisão sueca, SVT2. Está tudo online.
grahamsamuels.com

Delicious
Esta é daquelas para apontar o dedo. Mandaram-me o flickr da rapariga que anda por aí a “graffitar” gelados e bolos de cores apetecíveis nas ruas de Lisboa. Dão pelo nome de “delicious” e alguns até referem as calorias precisas de cada bolo! Maria Imaginário é o nome. Arroios, Estefânia, Cais do Sodré – vão ver se ainda lá estão.
flickr.com/photos/maria_imaginario

Jack Pierson
O conhecido artista americano tem um novo livro que reúne oito publicações antigas desenhadas pelo próprio, já esgotadas há muito. São 436 páginas, que também incluem textos inéditos de Pierson e Enrique Juncosa, Richard D. Marshall, Rachael Thomas e Wayne Koestenbaum.
chartaartbooks.it

missdove.blogspot.com

?
Sexta 14

Novembro 2008

Filologia Livre da Pop do meu poluído imaginário

sr. peppas (arquivista de generalidades)

Aviso
Esta coluna dedica-se à análise de grandes letras da história da pop, desrespeitando deliberadamente quaisquer direitos (ou intenções) do autor.

NIKITA
Elton John/Bernie Taupin, 1985

Este mês, escolho a “Nikita”. Isto porque constituiu uma das passagens mais traumatizantes da minha pré-adolescência e a primeira relação de amor-ódio que desenvolvi. Se por um lado me encontrava perdidamente apaixonado pela Anya Major, a raparíga russa do vídeo, reminiscências ainda de uma tendência eslava que se tinha iniciado com Nastassja Kinski, pelo outro a simples audição dos primeiros acordes causavam-me urticária, o que num rapaz de 13 anos se parecia com acne galopante.

E depois porque estou mesmo convencido que, tem o Elton feito uma música destas dedicada a Bin Laden, o mundo a isto não tinha chegado. Passo a explicar porquê.

Estou convicto que Elton era um espião ao serviço da coroa inglesa

Alguns documentos parecem indiciar que “Nikita” é uma música de engate, dedicada ao dirigente soviético Nikita Krushev. O que, vindo do Elton John, ninguém estranhará, pese embora a diferença de idades estar do lado “não Elton” desta história.

Não há nenhum registo que os dois se tenham encontrado secretamente junto ao Mausoléu de Lenine ou trocado papelinhos entre shots de vodka na sauna. Até porque Nikita Krushev morreu em 1971. Não há também nenhum registo que explique que Elton tenha sido obrigado por tortura a escrever esta música, ou a cantar esta letra ou mesmo a usar o fato de inspiração construtivista, versão carnaby-chumaços nos ombros, com que se apresenta na capa do single.

Aliás, registe-se que não se encontra qualquer prova de que Elton John tenha sido obrigado ao que quer que fosse durante toda a vida. Tudo o que fez foi porque quis.

Porque terá então Elton feito uma homenagem póstuma ao dirigente soviético? (Não querendo ser conspirativo lembro que há uma certa fixação em Krushev por parte da pop britânica - Sting menciona-o na música “Russians” no seu álbum de estreia a solo.)

Estou convicto que Elton era um es-

página: 06

pinismo - então Nikita? vai um friozinho aí, hem? - que transporta uma tentativa de humilhação sexual, ao referir-se ao little corner que nunca será aquecido.
Oh I saw you by the wall
Ten of your tin soldiers in a row
With eyes that looked like ice on fire
The human heart a captive in the snow
A segunda estrofe prolonga o regabofe, revelando pormenores de uma violação em grupo por soldados (algo que fez escola até aos dias de hoje) de que eventualmente ele/ela Nikita (e por associação todo o povo soviético) poderia ser alvo.

Oh Nikita you will never know anything about my home
I'll never know how good it feels to hold you
Nikita I need you so
Oh Nikita is the other side of any given line in time
Counting ten tin soldiers in a row
Oh no, Nikita you'll never know
O refrão começa com um existencialismo atroz que só por si desencoraja qualquer um, soviético ou não, para depois insistir na alegoria dos soldados, terminando numa ameaça explícita num jeito de cá te espero.

Do you ever dream of me
Do you ever see the letters that I write
When you look up through the wire
Nikita do you count the stars at night
A lamentação existencialista, inspirada em livros de auto-ajuda, é prolongada na quinta estrofe com uma única intenção: aumentar o sofrimento, e intimidar com o facto de a música ultrapassar os regulamentos 3 minutos da pop (o vídeo tem quase cinco, arrrrghh).
And if there comes a time
Guns and gates no longer hold you in
And if you're free to make a choice
Just look towards the west and find a friend
“Nikita” termina com uma nota de esperança, embora na versão cantada o refrão seja repetido. No entanto, a aparente benevolência e abertura presente no convite à amizade poderá ocultar um outro designio. Quem seria o amigo no West? Porquê as referências a armas e portões e o cheiro intenso a couro?

Segundo o que consegui apurar, esta última parte da letra foi uma imposição de Elton aos serviços secretos, por pressão de um dos choir boys que fazem os coros na canção. Quem? George Michael. Deduzam o resto.

Para o próximo mês analisaremos a relação entre “Sussudio” de Phil Collins e o facto de a depressão ser considerada a doença do século XXI.

Tiago & Alcides
Sábado 15

LuxFragil N: 02

As mamas de Betty

João Paulo Cotrim

Não teria sido necessário, mas está bem de ver que a máquina fotográfica foi inventada para isto e só para isso. Ainda que fotografasse a árvore, a rua, o navio, era o desejo que a objectiva procurava, despia, fixava. Fotografias a sério, só as

Faz de má tão deliciosamente que acreditamos no bem. Faz de má como quem catequiza, com a alegria da inocência.

de Bettie Page, a rapariga norte-americana que viverá ao nosso lado para sempre com sangue índio, a professora que trocou o ensino da língua pelo adestrar das carnes, que continuou a ir à missa aos domingos, não sem que o ritual aos sábados a despisse para a vestir de cabedais e chicote.

Escrito a luz, ressurgindo no escuro de químicas misteriosas, todo o processo

Howard Hughes. Foi filmada uns poucos minutos, é verdade, mas continua a interpretar os mais selvagens dos sonhos, como mais um electrodoméstico na década que inventou o bem-estar caseiro. Na superfície de cetim das cortinas, nas meias de renda, nos bikinis rasgados a fingir de selva, nos vestidos de noite, nas correias de químicas misteriosas, todo o processo

Rui Vargas
Sábado 15

Susana Pomba

O que andam os portugueses a fazer fora do país

ment” tem na carteira o duo Stereo Addiction, entre outros.
myspace.com/madamemanagement

José Albergaria em Paris
Radicado em Paris há já alguns anos, José Albergaria partilha um atelier de design gráfico com Rik Bas Backer, na Rue Rochechouart. Esta dupla, chamada Change is Good, já fez trabalhos para o Jeu de Paume, Palais de Tokyo, Galerie Almine Rech e catálogos para artistas como Alexandre Perigot, Wim Delvoye ou Raymond Hains.
Recentemente o seu trabalho foi integrado no livro “Area 2, 100 Graphic Designers, 10 Curators, 10 Design Classics”, da Phaidon, onde também figura o atelier português Barbara Says, que ajudou a fundar quando ainda vivia em Lisboa, nos anos 90.
changeisgood.fr

Miguel Palma na Bienal de New Orleans
Comissariada por Dan Cameron, esta nova bienal que inaugura a 1 de Novembro, apresenta-se como a maior dos Estados Unidos. As obras de artistas como Super-

Leonaldo de Almeida *convida*
Zé Pedro Moura
Quinta 20

2manydjs
Dezperados
Quinta 20

par os mamilos, nas máquinas de esticar e pendurar para melhor açoitiar, nestes detalhes se encontra a sociedade que quer muito, que quer tudo em cores saturadas: gastar-se, consumir-se, arder. Sociedade puritana e sexy como uma pele nívea, que de tão recalcada aspira à perdição.
Pouco importa. Betty será a preto e branco, mas inventou o azul, a franja e o mexer das ancas. Betty tinha um sorriso do tamanho da brincadeira, longas pernas sem malícia, mãos que Michelangelo não segundaria esculpir, olhos de bruxa boa. E dançava sem mexer os cabelos negros, de modo tão convencional, íntimo e familiar, como a piscadela de olho azul. Daí que não passe agora um minuto sem que a vistam com as mais bizarras bandas sonoras. Como uma flor na fonte, é bonito de ver que a mais insonsa coreografia, se tiver alma, pode deixar-se habitar pelo desejo vadio.

E a alma que tem está no corpo de Betty, nos corpos de Betty. Tanta intensidade pulsa mesmo quando está coberto. Neste corpo, por exemplo, repousa sobre um sofá folheando a revista de que foi capa, de que foi rosto. Escorre-lhe o olhar para as páginas num elogio da leitura que parece fazer sussurrando. Repousa como segunda pele um longo vestido de malha, de riscas que desenham com uma topografia de beijos todos os lugares onde a mulher é mais mulher (vales, montanhas, pequenas selvas húmidas, movimentos doces, fúrias). Nada a cobre, que Betty estará sempre nua, como Eva no paraíso: um

magnífico decote em u anuncia a Primavera palpitante dos seios.
A ternura com que agora neste outro corpo incarna o diabo. Só brilha o rosto feito de gélida seriedade, que o resto é meias e fato, além da cauda ridícula, que de tanto se queixar do seu artificialismo quase estraga o ambiente. Mas o sopro dos lábios entreabertos, visto daqui, parece-me divino. (Proibo-me de o imaginar junto ao meu ouvido!) Soergue o pé direito e parece oferecer os peitos no desafio todo de negro. Quanta teologia se espalha nas luzes ao fundo!

Terceiro corpo e a pin up despe-se finalmente. A cintura encolhe-se à posição de vespa e veste apenas meias de rede, senta-se no chão e os braços erguidos fazem as mãos perderem-se nos longos cabelos negros. Olha-nos de frente com os olhos e as mamas. Provoca-nos. As mamas são a perfeição como num verso sofrível de canção melosa: não crescem ao absurdo, antes se deixam ficar na harmonia, com a pupila do mamilo a indicar a noite inteira, o pôr-do-sol e o respectivo nascer. Faz de má tão deliciosamente que acreditamos no bem. Faz de má como quem catequiza, com a alegria da inocência. A mesma que jorra de um outro instantâneo sem pose, a nudez total brincando com a luz traçando linhas de destino por sobre a Vénus de v felpudo.

reorange.org.uk
resonancefm.com

e de projectos tão significativos para a divulgação da música portuguesa em terras inglesas como o Atlantic Waves, Miguel Santos abandona o cargo. Novos projectos se avizinham. Santos está a construir neste momento uma nova empresa, Red Orange, com sede também em Londres, que continuará a alargar o seu interesse nas artes e na música, em particular. Está também a desenvolver um novo festival anual daquilo a que chama de “música exploratória”. Entretanto, no rádio londrina Resonance FM, Miguel Santos continua com os seus programas “Atlantic Waves”, às terças e “Sleeping Dogs Lie”, às sextas.

Alexandre Estrela e André Guedes na Suécia
Curador independente e editor da revista Flash Art, Chris Sharp escolheu os portugueses Alexandre Estrela e André Guedes para integrar “Disarming Matter”, uma exposição que mostra obras cujo método ou forma investigam a dissolução, negação ou retenção. Até 1 de Fevereiro, a exposição ocupa o Dunkers Kulturhus, em Helsingborg, na Suécia e integra também obras de artistas como Pierre Bismuth, Douglas Gordon, Alexander Gutke, Ariel Orozco, Mandla Reuter, Evariste Richer, Michael Sailstorfer ou Arcangelo Sassolino.
dunkerskulturhus.se

O novo projecto de Miguel Santos
Depois de nove anos na delegação britânica da Fundação Calouste Gulbenkian

Freshkitos
Sexta 21

The Connector & O Monstro

Hugo Gonçalves

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Perfil de um bom diabo, de um humanista, de um instigador de festas e de um romântico. Estas são algumas das histórias reais protagonizadas por este homem viajante e animador de pessoas – sim, é preciso sublinhar que são histórias reais, porque Holden Sawyer podia ser uma personagem de ficção. Mas existe.

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Todos nós conhecemos, ou pelo me- nos deveríamos conhecer, alguém assim: Holden Sawyer tinha pouco menos de trinta anos quando, numa noite de semana, na cidade de Madrid, saiu da sala do Hotel Palace onde participava num jantar institucional e, mesmo antes de abandonar o luxuoso edifício e regressar a casa, passou pela porta de um salão de festas. O seu ins-

do, comprado nos chineses, a balançar uma pata como se fosse o ponteiro de um relógio. Julgo que a ordem doméstica de Holden tem a mesma função das bandas sonoras na berma da auto-estrada – para nos manter no caminho.

Conheci-o na capital espanhola, embora tivéssemos amigos em comum em Lisboa. Pouco tempo depois, participámos

Uns dias, Holden tratava de fazer negócios imobiliários com Singapura; noutros, o milionário pedia-lhe que levasse o carro a uma oficina em Sevilha

tinto pôs-se em alerta – reconheceu essa ansiedade das conversas sobrepostas, a agitação de copos, a música a inquietar um pé, depois as ancas, mais tarde o corpo inteiro em cima de uma mesa. Holden entrou sozinho, sem conhecer ninguém. Passou-se pouco tempo e Holden dançava no centro da pista, apresentava-se e era apresetado, acabara de se tornar no gerador de alegria da festa organizada para os deputados e jornalistas do Congresso espanhol. Nessa noite de 2007, ainda que tivesse casa própria em Madrid, Holden dormiu no apartamento de uma repórter especializada em política parlamentar.

Holden Swayer – nome que, por motivos de discrição, lhe atribui para este perfil – nasceu em Portugal, estudou em Lisboa e em Estocolmo, trabalhou em São Paulo e em Madrid. Muitos dos leitores talvez o conheçam e tenham estado com ele na mesma mesa de jantar, na mesma fila para conseguir um gin tónico. Os seus amigos consideram-no um condutor rápido, seguro, inalcançável nas corridas de karts. Na estrada, diz-se, Holden tem os potenciais atributos de um piloto de Fórmula 1, descritos por um psicólogo inglês como “a capacidade para jogar xadrez ao mesmo tempo que se foge de um tigre”. Entre outras alcunhas, Holden foi chamado de Tétris pela forma como, sentado num bar ou restaurante, organiza geometricamente todos os objectos em cima da mesa – tabaco, telemóveis, cinzeiros, carteiras. Descobri essa sua inclinação para o equilíbrio das coisas quando entrei no seu quarto em Madrid – os chapéus alinhados, as camisas dobradas em pilhas com o mesmo tamanho, a colcha da cama bem entalada no colchão, o boneco de um gato, senta-

no mesmo jantar, na casa de um grupo de amigas islandesas. Holden atrasou-se, mas chegou sem o constragimento de entrar numa casa onde quase ninguém o conhecia, e onde todos já iam embalados nas bebidas e na troca de números de telefone. Holden não precisou de se esconder na melhor desculpa para o desconforto social – “Tenho de ir buscar uma bebida”. Num lugar com pessoas, Holden nunca está sozinho. Semanas depois, Holden ligou-me: havia a festa de aniversário de uma luso-britânica nessa noite. Encontrámo-nos para jantar e, já na entrada do prédio da festa, Holden descobriu uma cadeira abandonada, embora sem defeitos. Holden entrou na festa com a cadeira, rindo e cumprimentando os convidados, oferecendo o objecto à amiga anfitriã, que o abraçou e felicitou a sua chegada. Horas mais tarde, junto da mesa das bebidas, e tendo em conta que ele estava apenas há algumas semanas em Madrid, perguntei-lhe se conhecia a dona da festa há muito tempo, talvez de Portugal, sugeri. Ele disse: “Não, conheci-a ontem”.

Holden mudou-se para a capital espanhola para trabalhar com um milionário escandinavo. O seu emprego era tão imprevisível como o patrão. Uns dias, Holden tratava de fazer negócios imobiliários com Singapura ou de pedir informação sobre propriedades no Panamá; noutros, o milionário pedia-lhe que levasse o carro a uma oficina em Sevilha ou criasse perfis nas redes sociais da internet, como o facebook ou o smallworld, a fim de conhecer possíveis namoradas para o patrão. Holden escreve diversos textos detalhados, e embelezados, sobre o seu empregador; escolheu fotos falsas, de outros homens,

e iniciou correspondência com mulheres brasileiras. Chegou a estar agendada uma viagem de quinze dias, ao Rio de Janeiro e São Paulo, para que Holden conhecesse estas mulheres, lhes falasse do chefe, e escolhesse potenciais candidatas ao cargo de primeira-dama do império imobiliário.

Stanley Milgram, psicólogo criador de testes surpreendentes, organizou uma experiência nos anos 60, para saber mais sobre a forma como se constroem as redes sociais de amigos e conhecidos. Pediu a 160 habitantes do Nebraska que fizessem chegar uma carta a um consultor de bolsa, em Boston, sabendo apenas o seu nome – o remetente deveria pensar em alguém que pudesse conhecer este consultor de Boston e, a partir daí, construir uma corrente de pessoas até que a carta alcanças-

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Holden Sawyer, personagem de The Connector

Capítulo anterior: Zé Miguel tem 25 anos. / Nasceu em Viseu e estudou direito em Coimbra. / Já em Lisboa, frequentou antropologia. / Quer ser designer gráfico. / Vive no Bairro Alto. / Trabalha num call center, a recuperar dívidas. / É noctívago. / Numa das saídas, conhece o DJ Kaló e apercebe-se de que falta pouco tempo para a festa do Lux. / Quer ardentemente ir, mas não tem convite.

(o capítulo anterior pode ser lido na íntegra, online, em sindicato.biz/o_outro)

O Outro

Folhetim de Maria Antónia Oliveira & António Nêu

II. A Fenda

“Alo tamos no adamastor a beber jo-las ta 1 tarde linda bora ai”.

Quando recebeu o sms da Tânia, Zé Miguel estava sentado na fila de trás da aula de matemática, a ouvir umas coisas abstractas das quais se sentia muito, muito afastado, delineando estratégias para arranjar um convite para a festa. Já tinha tentado a vulgar pedinchice; tinha ido ao Lux no sábado anterior, a ver se dava nas vistas de qualquer maneira. Metera conversa com um barman, com um segurança e com todas as pessoas com mais de trinta anos que tinham sorriso para ele. Dançara furiosamente à frente do DJ. Por fim, em desespero, tinha ousado sentar-se na mesa redonda do andar de cima, à espera de conhecer alguém importante. Mas nada. Nem convite, nem conversa. Agora, sentado nas cadeiras duras da ETIC, olhava o tecto, ruminando hipóteses. A > B = C... mas quem será o A?

O sms da Tânia veio despertá-lo. Passada meia hora, esfalfava-se pela Salvador Correia de Sá acima, ao encontro dela.

A Tânia era a companheira de casa. Continuava a estudar antropologia, mas tinha muito tempo livre, que entretinha no eixo Bairro Alto/Adamastor, alternando com umas idas à praia. Andava sempre por ali, muito acompanhada por gente a chegar e a partir, a falar de Goa e de Trancoso, do calendário Maia, e da última festa e da próxima.

Zé Miguel não sabia bem onde ela arranjava o dinheiro para viver, e parecia-lhe impossível que viesse todo daqueles trapos indianos que ela, quando se dava a esse trabalho, vendia a umas lojas de tias étnicas. Mas também não queria investigar muito. Demais, a Tânia era avessa a falar em dinheiro, como a quase tudo o que se relacionasse com trabalho.

— Olá, então, tá-se bem? Senta-te. Vai buscar uma cerveja e traz uma para mim. Olha, é a Inês e o Gustavo, chegaram agora de Barcelona.

Zé Miguel disse olá, indeciso em sentar-se na relva. “Hum, mais uns que vão dormir na sala, hoje. Espero que o cão não seja deles.”

Esteve ali um bocado a apreciar a tarde e a magicar. Aquilo não era gente que pudesse resolver-lhe o problema, e a conversa não lhe interessava nada. Ia ouvindo: “Boom Festival”, “Zambujeira”, “praia liliinda”, “reiki”... até que ouviu o seu nome dito pela Tânia:

— O Zé Miguel não é muito expansivo. Anda um bocado perdido, precisa de encontrar o seu eu, tás a ver?

Os outros dois abanaram a cabeça, compungidos. Zé Miguel olhou para a Outra Banda. Pff! Voltou-se para a Tânia:

— Ó Taniazinha, então parece que o mundo ai acabar em 2012? No outro dia estive a ver um documentário muito interessante sobre o calendário Maia... Já pensaste o que é que vais fazer?

— E tu, já arranjaste convite para o Lux? Olha, acho que o vizinho de baixo deve ter. — E riu, meio pedrada, encolhendo os ombros, a piscar o olho para os dois de Barcelona.

— Ah... Acho que o meu pai é que recebe... — acordou subitamente a Inês. — Sim, sim, ele costumava ir ao Frágil.

Zé Miguel levantou-se, sacudiu a erva das calças e anunciou que tinha de ir trabalhar. Deixou os três a discutirem o fim do mundo e foi, resignado, aturar as vítimas do fim do mundo capitalista, mais os seus créditos malparados.

Quando ia a percorrer a Rua Marechal Saldanha, ainda a pensar na Inês, no pai e no vizinho, teve uma súbita inspiração: e se fosse espreitar a caixa do correio do vizinho? A Tânia era bem capaz de ter razão, e o do primeiro andar estar mesmo na mailing list. Lembrava-se de o ter visto passar à frente de todos, com um ar muito decidido, enquanto ele esperava na bicha para entrar.

O prédio tinha um hall esconso. Arredou a bicicleta da Tânia e o caixote do lixo e meteu a mão na fenda. Não cabia. Empurrou. Esfolou as costas da mão, mas conseguiu extrair dois envelopes: um das finanças; outro, mais espesso, com ar de convite. Era, de facto, um convite, mas para uma loja de roupa pop no Príncipe Real. Bah... Se ainda fosse para a Moda Lisboa...

Olhou para a mão direita, e lambeu os vestígios de sangue, pensando que tinha de usar a cabeça.

Nos dias seguintes, Zé Miguel oscilou entre a esperança e a resignação despeitada — “também o que é que é uma festa na vida de uma pessoa”, dizia ele à Tânia várias vezes por dia. Ela batia-lhe no ombro e dizia “pois, pois, claro, relaxa, se calhar andas a comer muita carne”.

Um dia houve em que, ao sair de casa, viu a mala do carteiro no chão, no degrau da porta. Pôs-se a olhar lá para dentro. Olhou em redor. Não havia ninguém. Meteu a mão, ainda aleijada, e vasculhou um bocado. Apalpou, à procura de uma carta mais volumosa que pudesse ser um convite. Só livros da amazon. Porra, cambada de intelectuais.

Chegou ao dia da festa sem solução. Estava tão deprimido que nem foi trabalhar. Passou o dia no quarto, em frente à televisão, de cuecas e meias. A hora aproximava-se.

Por volta das sete da tarde, sentiu a Tânia entrar.

— Oi! lh, que fumarada! — disse pela porta entreaberta. — Nem imaginas! Estive agora no Adamastor com a Inês... sabes, aquela minha amiga de Barcelona... E vou à festa do Lux com ela! O pai não quer ir, e o Gustavo diz que também não, que não gosta da música, não passam progressivo. E então vamos as duas. Tu sempre vais?

Zé Miguel mandou-lhe um olhar oblíquo. Virou-se para a televisão e mudou de canal. Ela fechou a porta e foi-se arranjar para a festa, aos pulinhos, a cantar “le freak c’est chic”.

Deram as dez horas. Resolveu sair de casa, para não ouvir mais telefonemas da Tânia a combinar encontros e adereços.

Arrastou-se até ao Clube da Esquina. Pediu um vodka. O DJ passava “There’s a Light That Never Goes Out”, versão Schneider TM. Ao lado, ao balcão, um homem alto e magro, de nariz comprido, curvava-se sobre um whisky e cantarolava “take me out tonight”. Olharam-se.

— Esta música é muita fixe — arriscou Zé Miguel.

— Gostas dos Smiths? — Sim, mas gosto é desta versão. — Hum... bem me parecia que não era o Morrissey a cantar.

Continuaram a beber, e a conversar. Ele era poeta, e nostálgico do antigo Frágil, que o Zé Miguel nunca tinha conhecido.

Já estavam meio turvos (o Zé Miguel bebendo para esquecer), quando o poeta começou a olhar para o relógio e a dizer que tinha de ir andando. Não queria deitar-se muito tarde, e ainda ia passar no Lux.

Zé Miguel ficou imediatamente sóbrio: — Vais à festa?

— Sim. Não vais? — Não tenho convite. — Não importa, vem comigo. O meu convite serve para dois. — É mesmo? — com a mão aleijada, agarrou no braço do outro e apertou-o, comovido. — Eu pago o táxi!

E foram. No caminho, o poeta divagou em nostalgia. Falou do Frágil dos anos 80, de como tudo era pequeno e familiar. Olhava pela janela, fazia silêncios. Agora já não conhecia ninguém. Zé Miguel ouvia, quase esquecido da festa.

Quando avistaram Santa Apolónia, e a discoteca ao fundo, viram um grande volume luminoso, como uma onda, a tapar a porta. Saíram do táxi precipitados, espantados: eram umas enormes pernas de mulher escancaradas para os receber. O poeta riu, e não deixou escapar a oportunidade:

— Olha! Vês como pensam em tudo? Não tinhas convite, não é?... E lá vamos entrar pela fenda da porta!

(Continua)

18 Carneiro

21 Março a 20 Abril

I had a dream... pois, é e mesmo o momento de ires atrás dele. Vai atrás dos teus sonhos. Até literalmente. Ontem à noite sonhaste algo em especial? Agradou-te? Revelou-te alguma solução? Do it. Este mês os sonhos são para ti mais do que episódios lunares, são verdadeiras revelações. E se és um criativo ou um artista, está muito atento aos jorros de inspiração. Agarra-os, e faz acontecer a tua obra iluminada. Eu sei que te pode parecer um pouco estranho tudo isto... Ir a direito é mais o teu género. Mas confia no que intuis, sentes, e imaginas. Não hesites. Primeiro faz. Depois aprecia os resultados. Este mês tens a oportunidade de viver catarse e revelação. Tudo no mesmo saco. Let it flow.

11 Touro

21 Abril a 20 Maio

Diz-se por aí que os Taurinos são lentos... às vezes sim, outras não. São lentos quando lhes dá jeito, sim. E também quando gostam do que estão a viver. Aí não é bem lento, é mais láaaaaaanguido... E não são nada lentos quando lhes salta a tampa. Mas certo é que eles usam mais o tempo do que a maioria das pessoas. Portanto, como gostas de ter muuuuuuuuu tempo, a proposta do mês passado mantém-se, chéri. Exatamente a mesma lâmina de Tarot, A Força, com o mesmo número, e na mesma posição. Não, não vou pôr aqui o texto de Outubro para facilitar. Mas podes ler na edição anterior... se a encontrares... experimenta na net, no mercado negro, através de amigos, aborda alguém na rua, põe um anúncio... Get up, stand up, get up for your life.

18 Gémeos

21 Maio a 20 Junho

La la la la la la la la, I’m (não sei quê) on a paper moon, la la la la... !!! E lá vão eles a dançar e a cantar, a imaginar e a criar, a comunicar e a rir, e a dar beijos para o ar! Não, não estou a gozar. E não gozes tu também! Não é bom viver assim? Um bocadinho? Quem é que tem tanta leveza para vender? E ternura para trocar? E juventude a jorrar de mil gestos brincalhões? Neste mês tens sobre ti os holofotes lunares, o que te dá uma aura mais empática, emotiva, feminina, sensível, até para os machos. Mais, se tiveres maturidade suficiente podes usar esta energia para resolveres alguma questão relacional que surja. E gozar a vida. Bué. Mas muita atenção ao risco de dispersão e de interferência das emoções onde não é preciso. Está tudo muito à flor da pele. E seria uma pena fazer estragos por aí. Só dos bons!

Quando avistaram Santa Apolónia, e a discoteca ao fundo, viram um grande volume luminoso, como uma onda, a tapar a porta. Saíram do táxi precipitados, espantados: eram umas enormes pernas de mulher escancaradas para os receber. O poeta riu, e não deixou escapar a oportunidade:

20 Caranguejo

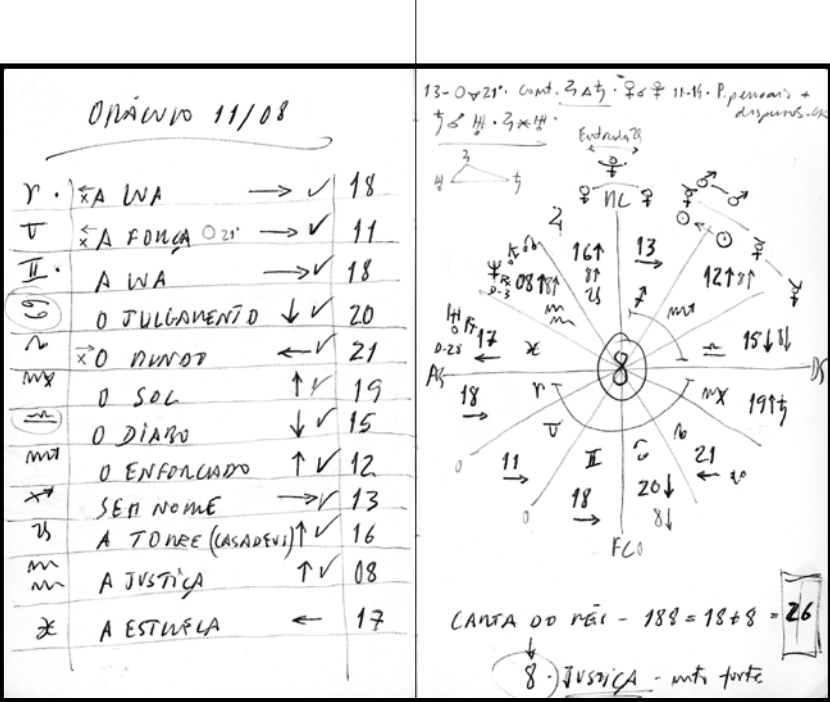
21 Junho a 21 Julho

Viver ou sobreviver, eis a questão. A opção de viver dá algum trabalho, mas sérás feliz metendo a cabeça na areia? Não me parece. Estás bem? Bem contigo, bem com o mundo? Ou lá no fundo, no fundo estás a rebentar de falta de ar? É que se para toda a gente este é um mês de balanço que, a ser bem feito, resulta num novo equilíbrio, para ti é O mês do balanço... Vamos a isto? A tarefa principal é definires-te por ti mesmo. Por ti mesmo, ok? Face a tudo. Quem sou, e como quero ser o que

Yen Sung *convida*
DJ Ride
Sábado 29

Oráculo 11/08

Isto é um ORÁCULO. Vê nas notas abaixo o que não é *. O ORÁCULO não impõe, reflecte. Não ensina, acorda. Não comunica, ressoa. Tudo o que aqui lês está dentro de ti. E é por isso que, para além de veres o teu signo, podes espreitar os demais. O que encontrases diz-te respeito. E se souberes o signo da tua Lua e o do teu Ascendente melhor ainda. Too much? :) Estamos contigo. Salvé!



sou. Até porque para seres feliz não tens alternativa. Ninguém tem. As conclusões e que megas podem pôr em causa algumas coisas... mas só tu o podes fazer renascer a tua vida. Ah, uma vida melhor... E com muito amor te lembro: Um balanço não se vai fazendo. Faz-se. No tempo certo. Senão tudo passa. E o que resta é sobreviver. E isso tu não queres. Ninguém quer.

21 Leão

22 Julho a 22 Agosto

Estamos fartos que te saiam números maravilhosos, as melhores lâminas do Tarot, enfim, o costume. Cá está outra vez o magno número 21, O Mundo. Estamos fartos, mas não resignados. Desta vez não se tens festa na rua, não. Mas mesmo assim tens um festim aí dentro, ora bolas! He did it again! Este mês é tipo: Realização plena de ti mesmo, a 360 graus. Queres encontrar solução para algo? Done. Estás ansioso com o bom desenvolvimento de um projecto teu? All ok. Precisas de descobrir uma coisa nova? You got it. Questionas-te se o que queres fazer terá boa aceitação? No worry. E por aí adiante. Ah, e viajar também é bom: dentro e fora, de preferência dentro. De ti, claro.

19 Virgem

23 Agosto a 22 Setembro

Não, por acaso não precisas de recear nada... Nem a escassez, nem a doença, nem a crise feroz que te pode bater à porta, nem o cansaço, nada de nada. Estás em plena forma, ok? Na posse de todas as tuas potencialidades, certo? Pleno de energia física e anímica, va benne? E, por favor, não alimentes preocupações. Já

analisaste bem a palavra “preocupação”? ... Pré-Ocupação?! ... Ocuparmo-nos antes de ser preciso ocuparmo-nos?! Ou seja, temer que o futuro possa ser X, darmos energia a essa imagem, deixarmos de viver aqui e agora, darmos vida a fantasmismas que se poderão transformar em fantasmões, e tudo isso porque nos pré-ocupámos com eles?! Stupid! No way! Tu não fazes isso. Portanto, quando alguma coisa surgir, ocupa-te dela. Meanwhile, ocupa-te a Ser.

15 Balança

23 Setembro a 22 Outubro

Todos os sábios o dizem: Na tua vida, não há obstáculo superior à tua capacidade de o ultrapassar. Sempre. E se nos acontecer algo de menos simpático... olha, merda. E depois cabe-nos descobrir como resolver o assunto. E aí, crescemos. Somos mais. Mais capazes. Estás farto de ouvir nos últimos tempos que não há crises, só oportunidades. E pensas: fácil de dizer, ora porra. E quando pensas isso, isso mesmo, estás sem querer a criar resistência à oportunidade de venceres o obstáculo. Claro que às vezes a puta da vida é dura com’o caralho. Melhor dizendo, desafiadora. So what? Se assim não fosse eras um vegetal, apático, pequenino. E isso não. Portanto, escreve no espelho da casa de banho: O que nos acontece é o espelho do que somos. Às vezes, do que fomos, tipo vem ao retardador... Ah, e mais: Mudando o que sentimos e pensamos, mudamos o que vivemos. E não digo mais nada. Vai a dreammanifesto.com, salta por cima dos anúncios a vender o que quer que seja, e faz o download gratuito do ebook “The Principles of Successful Manifesting”.

Também não ligues à capa que é foleira, o conteúdo é que interessa. E já agora, os parálvões neste texto são para te lembrar que mais vale soltar uns tantos do que despejar a merda em cima de alguém. É que, mesmo a falar mal, gostamos muito de ti :)

22 Escorpião

23 Outubro a 21 Novembro

Imagina-te o skipper de um veleiro. Decidiste que ias fazer uma viagem, talvez sem saber bem para onde ir, mas ir. Talvez tenhas estudado bem a rota, ou não, mas preparaste a viagem. Pelo menos aliaviaste carga, espero eu. Checkaste quand mème as condições atmosféricas, talvez os Oráculos e os Bordas d’Água da vida. Depois, fizeste-te ao mar. E disseste: Seja o que deus quiser. Pois, disseste bem. Mas não só. A tua navegação dependerá do que fizeres e do que não fizeres. E isso dependerá muito da tua atenção aos sinais. Interiores e exteriores. Come rain or come shine. Lê os sinais. Recebe o que vem ter contigo. Cool. Aceita. Pinta a tua rota com as cores do que vai acontecendo. Assim é que é bom para ti. Agora. O teu ser interior sabe o sentido de tudo isto. Respira fundo. E outra vez: Lê os sinais. Se estiveres atento e receptivo, muitas bênçãos virão. Hoje. Todos os dias do mês. Saibas tu identificá-las.

01 Sagitário

22 Novembro a 21 Dezembro

Amigo arqueiro, esta é a continuação da aventura que começou no mês passado. Suponho que tenhas descoberto em ti novas capacidades. Que, qual mago, tenhas em mãos utensílios inéditos, mágicos e maravilhosos. Ótimo. Estás portanto em condições de entrar no novo período da tua vida. Uma nova fase com a casa arrumada, o lixo despejado, o caminho libertado. Talvez ainda haja uma coisa ou outra a limpar, tipo umas emoçõezitas mais reticentes, uns hábitos mais enraizados, mas nada de maior. Sei que estás um ser mais inteiro e consciente. E é chegado o momento: Avante! Yes, you can always get what you want... if for the good of all.

16 Capricórnio

22 Dezembro a 20 Janeiro

Uau! ... aaahhh, tu nunca deves ter dito isto, pois não? A não ser que sejas um Capricorniano atípico, e por acaso até conheço um ou dois. Pois, mas este mês é caso para dizer Uau porque te cai mesmo o céu em cima da cabeça. No bom sentido, espero. Não sei o que andaste a fazer mas “eureka!” só se vivem quando se atraem. A questão é saber como reages a estas surpresas... se as vês como excelentes, relevantes, péssimas ou insignificantes... É que às vezes não gostas lá muito de ser surpreendido... Mas olha, não há escolha. Vais ser surpreendido sim, mesmo que depois digas que não é nada, blá blá blá, e que já estavas à espera (um velho truque que o teu trisavô te ensinou). O inesperado espera-te. Sorri, vá lá, até pode ter piada... e se não tiver, sorri na mesma.

08 Aquário

21 Janeiro a 19 Fevereiro

Uma palavra de ordem para ti podia ser “Eu Intuo, logo, eu Sei”. Good. Então sabe lá. Sabe lá encontrar um novo

equilíbrio. Pronto. Tenho dito. ... Hum, afinal não, espera, posso acrescentar uma dica ou duas, embora talvez não precises: Este mês estás em condições de encontrar um novo equilíbrio mais gratificante na tua vida. Claro que para isso é preciso fazer um balanço. O que aliás até é uma proposta universal, este mês é assim para todos. Mas para ti é mais. E tu até estás de acordo em fazer esse balanço, não é? Portanto, sugiro que o faças assim: Centra–te no presente. E, na tua análise da situação, usa o rigor, a clareza, a frontalidade, a transparência. Ilumina o que vês e vê o que ilumina. Depois, age em conformidade. Simples. May all heavens be with you... e estão!

17 Peixes

20 Fevereiro a 20 Março

É bem! Saiu-te A Estrela, a lâmina do Tarot com o número 17, que bom!... Mas com o teu feito deve dar o lindo resultado de seres tu A estrela de toda a gente... Ok, é bom e bonito ser a boa estrela do mundo que te rodeia, mas faz lá o favor de a viveres também um bocadinho para ti... Mima-te lá, abandona-te às bênçãos celestes, deixa a esperança pulsar em ti... e... Acredita, acredita, acredita. Sabes bem que acreditar faz maravilhas. E agora mais do que nunca. Well, isto se não te voltares para o lado de profeta da desgraça, coisa que te acontece por vezes, mas este mês penso que estás protegido disso! Está tudo bem amigo, confia. Segue a tua estrela e a tua intuição. Ela promete serenidade, amor, e até boa sorte. Usa-a bem.

** Importante*
Isto não é um Horóscopo. Determinações generalistas não, obrigada. Previsões astrológicas são outro filme. São o teu “Borda d’Água”. Ciclos de vida únicos, só teus. Se é isso que queres saber, vai a um bom astrólogo. É útil, e preciso. Mas lembra-te: mesmo sabendo as marés, tu é que escolhes o que fazer da vida. Sempre.

*** Não menos importante*
Menções a sites, livros, filmes, músicas ou o que for, são livres de acordos, percentagens e afins. Tranquilos.

**** Quase importante*
O ORÁCULO fala as línguas que lhe apetece e eu não tenho nada a ver com isso. Ele vive no mundo todo e pronto. Mais nada a explicar.

***** Nada importante mas ainda assim...*
Não, o ORÁCULO não fala para nenhum género em particular. Fala, sim, só para ti. O artigo masculino, nesta língua, é aplicado ao ser humano em geral, remember?... Portanto, adapta tudo ao teu género. Literalmente.

****** Tu é que sabes se é importante*
O ORÁCULO poderá talvez responder à tua questão importante. Nós não sabemos mas podes tentar... oraculo@luxfragil.com

Amaman

Amaman
Amaman
Amaman

Rui Murka
Domingo 30

Rui Murka
Domingo 30



Sexta 28

Vá por onde for mais rápido

Ana Garcia Martins

A noite foi longa. Atiram-se os sapatos para dentro de um táxi. Entre o sono, a música má, os diálogos que não se pediram, os semáforos intermitentes, reza-se para que a viagem seja curta.

Juro. Juro por Deus que não volto a sair à noite de saltos altos enfiados nos pés. Os doze centímetros que ganho em altura, em pose, em estilo, em olhares desejosos deles e olhares invejosos delas, não compensam as dores dos apertos, os desequilíbrios vertiginosos ao fim de três gins tónicos. E eu juro sempre. Mas uma mulher a dançar de ténis é como pôr os cotovelos na mesa. Dá jeito, mas não cai bem. Dizem.

Meia hora para recolher o casaco. E quantas vezes já jurei que não vale a pena trazê-lo, que em Lisboa nunca há frio que o justifique, que os sete graus que se fazem sentir em algumas noites são coisa momentânea, só o tempo de entrar e sair, que

lado, tanto faz. Sinto o orgulho de quem já está de saída, de quem já foi aprovado. E tento adivinhar quem não terá a mesma sorte e será gentil e subtilmente barrado com um convite para voltar outro dia. Que é o mesmo que dizer para não voltar. As três adolescentes excessivamente produzidas, excessivamente velhas para a idade que têm. O grupo da despedida de solteira, laços XL na cabeça, gritos que apitam nos ouvidos. Os dois caloiros acabados de aterrar na civilização, ar compostinho. Talvez o homem sozinho, de fato preto, que tentará entrar pela força da sedução. O que é que eu percebo? Se soubesse a palavra mágica, aquela que garante a aprovação directa e o acesso triunfal, fazia negócio com isso.

O melhor do fim da noite é encostar a cabeça e ser conduzida. Tirar, por fim, os sapatos, amarrar o cabelo a um elástico. E eu juro sempre que não vou adormecer, que o medo de acabar estraçalhada numa bagageira tem que ser maior que o sono.

lá dentro não falta (nunca faltará) o calor. Mas nunca cumpro o que prometo. E por isso espero meia hora. E enervo-me com o casal que anda às voltas com o primeiro beijo. Ele insinua-se, ela finge que não percebe. Ela põe-se a jeito, ele pergunta se ela lhe dá um cigarro. Se soubessem que um primeiro beijo decide tudo, que não mais haverá outro assim, com aquela intensidade, com aquela pressão que só se impõe aos lábios num primeiro beijo, deixavam-se de coisas e começavam a ser felizes naquele instante. Mesmo que a felicidade só durasse o tempo daquele beijo.

Os pés latejam, e eu juro que se não me derem o casaco em três minutos, descalço-me e acabou-se. Adeus estilo, adeus pose, adeus altura, olá olhares de pena, que se lixe. Sempre quis ser protagonista de uma cena decadente. Parar de dançar quando as mãos se põem à frente dos olhos para os proteger do sol, sair de sapatos na mão, rímel a escorrer, baton vermelho a ultrapassar em muito e há muito os limites dos lábios, cabelo com nós, meias com malhas, passo trocado. E ameaçar, aos gritos, que me atiro ao Tejo. Promessas. Recupero o casaco, saio em silêncio.

Gosto de ver a fila de quem espera para entrar. Os que se impacientam. Os que riem alto. Os que aguardam com indiferença, é só mais uma noite, aqui, noutra

Mas também eu já tive que voltar outro dia.

Enfrento mais uma fila. Porque há muito que deixei de jurar que só saio de carro. Uma vida para estacionar, outra vida para o encontrar, e as operações STOP do demónio, que me fazem revirar a mala em busca do cartão de crédito. Mas se enchem os cofres ao Estado então ninguém leva a mal e até se contribui com mais alegria, sorriso nos lábios e um desejo interior: que o senhor agente chegue a casa e encontre a mulher em infracção. Aí sempre quero ver se não lhe passa a vontade de distribuir multas (autuar, é como se diz). E por isso volto de táxi. E por isso sujeito-me. Às filas e às bebedeiras de quem não aguenta o álcool em silêncio. Como se eu berrasse por me doerem os pés. Logo a mim, que jurei nunca mais calçar saltos.

Os condutores são analisados com o método possível para as horas e para o álcool que já se leva dentro. E passa-se a vez quando não se gosta. Ar de pedófilo, passo a vez. Ar de quem vai dar azo a conversas erótico-repelentes, passo a vez. Ar de acelerar, passo a vez, que se fosse para me pôr em perigo tinha trazido eu o carro. Ar de quem me vai tentar converter às Testemunhas de Jeová, passo a vez. Ar de quem vai falar de “como isto está” e antes-um-filho-morto-que-gay, passo a vez. Ar de quem vai

discutir o penalti que roubaram ao Benfica, passo a vez. Ar de quem vai afirmar que bate na mulher, mas que não lhe falta com o dinheiro ao fim do mês, passo. Ar de quem só vai perguntar o destino e remeter-se ao silêncio, entro.

O melhor do fim da noite é encostar a cabeça e ser conduzida. Tirar, por fim, os sapatos, amarrar o cabelo a um elástico. E eu juro sempre que não vou adormecer, que o medo de acabar estraçalhada numa bagageira tem que ser maior que o sono. Mas confio. Abro os olhos quando posso. Entre imagens recortadas vejo a água do Tejo, que à noite é roxa quase preta. E as luzes da ponte. A recolha do lixo. Os semáforos intermitentes. A cidade em obras. Ainda ninguém percebeu que obras à noite são tão indesejadas como de dia? Inocentes os que acreditam que a noite é amiga da tolerância. E penso na música que me esqueci de perguntar o que era. No telefone que pediram e não quis dar. No telefone que quis dar mas ninguém pediu. Como é que ainda há tanta gente a dormir na rua? Vá por onde for mais rápido, é-me indiferente.

Não há silêncio. Silêncio e taxistas são termos incompatíveis. Nem os mais tímidos resistem. A dor de cabeça alheia é coisa que nunca se respeitou num táxi. E se não são as palavras, é a música. Demasiado alta, demasiado má. Ou então a Retailis, o melhor amigo dos taxistas, o santo de

devoção. “Um táxi ao Marquês, por favor”, “acabei de atropelar uma pessoa, acho que já não respira, quais são os procedimentos?”. Acordo e adormeço e acordo. À noite não há trânsito, mas demora-se mais tempo. As ruas vazias provocam este efeito. E o taxímetro que não se compadece.

Não quero que falem comigo. Que me obriguem a pensar ou a decidir o destino da humanidade. Não sei se amanhã vai chover ou se este é o ano mais seco dos últimos 50 anos. Porque é que não lhe pedi o telefone? A velocidade abranda. Tacteo pelo chão do táxi à procura dos sapatos. Um. O outro. O olhar desconfiado pelo retrovisor. Porque todos os dias se ouvem casos de mulheres que fugiram de um táxi sem pagar. Saltos de doze centímetros, loucos, a correr pela calçada. Calço-me a custo. Os pés cresceram. São mesmo estes os sapatos?

Pago. Deixo a gorjeta possível. Se insistir no olhar de desdém pode passá-la para cá outra vez, que a mim ninguém me dá gorjetas por fazer o meu trabalho. Boa noite. Boa noite. Os pés no chão ameaçam explodir se mais um passo for dado. E eu juro. Juro por Deus que não volto a sair de saltos.

apipocamaidoce.blogspot.com

Laser

Dançava. À sua volta o mundo estremecia na cadência de um incêndio solar: de olhos fechados, no seu puro estertor para lá da vida aquele corpo era como se ardesse, ou melhor, deflagrasse num terramoto em fuga que nascesse de um epicentro novo num outro planeta, numa outra galáxia. A própria música ia devorar tudo, transformar matéria em energia até cravar no coração da noite a flecha do sorriso, até romper o céu e nesse instante apenas te guiasse, intermitente, o laser do olhar na sua astronomia alucinada.

Desde cedo aprendeste que a beleza é injusta, mas talvez mereça ainda a luz, o enlouquecido espectro de um poema.

Vulcão

De novo a madrugada, as suas pétalas de sangue radioso iluminando o olhar de míope desfocado, o solfejo das horas que passaste debaixo do vulcão, dos seus compassos rodopiando cegos mas agora submersos entre a lava ainda espessa da noite sem vivalma que te ensine a abrir outro caminho, a resistir ao quente cadafalso da manhã. De novo a luz do dia, essa mentira anónima de um corpo onde não cabes quando o primeiro sol te rasga o peito e depois desse sol não vem mais nada.

Fernando Pinto do Amaral

LuxFrágil

Direcção: Manuel Reis

Sede: Av. Infante D. Henrique, Armazém A, Cais da Pedra a Sta. Apolónia, 1950 – 376 Lisboa
T. 218820890 F. 218820899

blog.luxfragil.com

luxfragil.com

lux@luxfragil.com

Textos de: Ana Garcia Martins, Anamar, Catarina Portas, Fernando Pinto do Amaral, Hugo Gonçalves, João Paulo Cotrim, Joaquim António Rocha, Maria Antónia e António Neu, Pedro Pires, Quim Albergaria, Susana Pomba e Tiago Manaia.

Editados por: Pedro Fradique e Fernando Nunes.

Design gráfico: Diogo Potes – Alva Design Studio

Revisão: Marta Martins

Impressão: M2

Tiragem média: 7 000 ex.

Dezembro
The Faint ao vivo
Sexta 06

Dezembro
D.I.S.C.O. Texas
Titan Thursdays!
Sexta 06

Dezembro
Brodinsky
Quinta 11

Dezembro
Minilogue
Sexta 19